

Diáspora africana: Memória, arte, resistência e o seu lugar na geografia

Eduarda Moreno da Silva
Universidade Federal Rio Janeiro
eduardamoreno99@gmail.com

Introdução

*“Com licença do Curiandamba,
Com licença do Curiacuca,
Com licença do Sinhô Moço,
Com licença do Dono de Terra”
(Clementina de Jesus)*

O presente trabalho desenvolve uma reflexão geo-histórica sobre a experiência do deslocamento forçado da população negra provida da África Ocidental, para o Brasil colonial: a diáspora africana.¹³ Estima-se que, aproximadamente 4 milhões de pessoas se deslocaram pelo espaço geográfico do atlântico sul. Este significativo contingente populacional se distribuiu por várias regiões do Brasil, mas concentrou-se principalmente na cidade do Rio de Janeiro. Isto se deve a importância geográfica do Rio de Janeiro por ter sido um dos principais portos de desembarque de navios negreiros e também um dos principais pontos de distribuição da população negra escravizada para o interior do Brasil. No campo da história de diferentes autores têm se dedicado a uma análise sobre esse deslocamento (Manolo Florentino, Paul Gilroy), entretanto, se há uma atenção da historiografia brasileira para esse deslocamento, o mesmo não se observa no campo da geografia. Apesar de algumas alusões serem feitas à presença da população negra provinda da África no Brasil, como em Delgado de Carvalho (1929; 1963) e as “Negras Baianas” ilustradas em *tipos e aspectos do Brasil* (IBGE, 1975) é possível perceber uma lacuna e ausência de estudos descritivos e analíticos sobre esta migração forçada para o Brasil no campo da geografia. Chamamos esta atenção, pois a migração é um tema clássico na geografia humana e, especificamente desde os anos 1950, conteúdo obrigatório na disciplina da Geografia da População. Mas nossos estudos têm apontado para uma invisibilidade dessa migração forçada, enquanto conteúdo didático no ensino da geografia¹⁴.

Assim, o presente texto busca inserir uma reflexão sobre o conceito de migração forçada e diáspora negra no campo da geografia e cultura. Isto implica um duplo exercício: tanto no campo teórico quanto na valorização das narrativas no campo da cultura, visto que entendemos que a diáspora é uma experiência e memória coletiva do exílio e está inserida em múltiplos aspectos culturais dos grupos diaspóricos.

¹³Este trabalho é fruto do Projeto “Diáspora Africana no Rio de Janeiro: memória, arte e resistência”, com recursos do Programa de Bolsas de Iniciação Científica em Arte e Cultura – PIBIAC - desenvolvido no Grupo de Estudos em Espaço e População - GEPOP-, no departamento de Geografia UFRJ, orientado pela professora Gislene Santos.

¹⁴Realizamos um levantamento dos conteúdos apresentados nos principais livros de Geografia da Populações adotadas nos cursos de graduação em Geografia no Brasil, e não foi encontrado nenhuma menção à esta migração forçada e tampouco à Diáspora Negra.

Objetivos

O trabalho tem por objetivos: desenvolver uma reflexão sobre a experiência e o conceito de diáspora negra na geografia humana. E especificamente: apresentar o movimento da diáspora, a travessia do Atlântico negro e a chegada ao Rio de Janeiro; ainda, compreender como a arte atua como mecanismo de resistência diaspórica.

Metodologia

A metodologia da pesquisa é realizada à luz de dois percursos que estão sendo construídos, sendo eles: situar um campo diverso da produção cultural a partir da literatura, análise de poesias e música. Todos esses artefatos artísticos são de suma importância para a construção e uma melhor reflexão sobre o tema.

O segundo percurso é entender o que é a diáspora africana e quais são seus impactos culturais. A partir do entendimento de Paul Gilroy, “sob a ideia chave de diáspora, nós poderemos então ver não a raça e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem”. (GILROY, p.25)

É possível compreender que diáspora é o deslocamento forçado de um grupo do seu lugar de origem, mediante a força e brutalidade. Ressalto que a diáspora em questão é a da população negra da costa africana que foi trazida em condição de escrava para o Brasil. Gilroy destaca que “os navios eram os meios vivos pelos quais se uniam os pontos naquele mundo atlântico. Eles eram elementos móveis que representavam os espaços de mudança entre os lugares fixos que eles conectavam” (GILROY, p.60). Ou seja, ao atravessarem o Atlântico negro a diáspora representa uma movimentação e fluidez da cultura após uma brutal ruptura com seu território de origem.

Os indivíduos em diáspora carregam uma cultura *sui generis*, ou seja, peculiar. A própria configuração do Atlântico age como um sistema de trocas culturais, e a criação de uma nova identidade, pois o afastamento da terra natal e a não identificação com o lugar de destino, impeliu que os grupos em deslocamento criasse mecanismos de resistência, como esforço em não perder a essência de suas raízes em movimento.

A partir do entendimento do conceito de diáspora outros dois conceitos fazem parte deste processo e estão mutuamente atrelados: Memória e Identidade. Segundo Joel Candau:

A memória é, acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: a memória é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um “estar aqui” que vale pelo que é do que pelo que fazemos dele (CANDAUI, 2014, p.10).

É possível entender que é através da memória que percorremos o nosso passado, os objetos e as lembranças que o compõe, e ainda, sem o uso da memória seria impossível a criação de uma identidade e a projeção futura; tanto a identidade quanto a projeção para o futuro, pedem um autoconhecimento, seja na memória individual das próprias ações como pela memória coletiva enraizada em tradições culturais.

A memória é, de fato, uma força de identidade [...]. A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente,

se apoiam uma na outra, para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2014, p. 17).

Ao falar sobre o deslocamento da população vinda da Costa Africana para o Brasil em diáspora, há, inicialmente, sujeitos carregados de memórias que mutuamente formaram as respectivas identidades que foram atravessadas pela violência e crueldade humana. Inseparavelmente de todo o processo de escravidão, o esquecimento e apagamento das memórias dos indivíduos fazem parte de toda uma lógica de comercialização de almas no tráfico negreiro muito bem apontada por Manolo Florentino “*Em costas negras*”. Portanto, juntamente ao percurso de entender a diáspora, um conceito fluido, em movimento, carregado de manifestações culturais em todo seu conjunto, as diásporas são experiências temporais que atravessaram o tempo – e o atlântico negro, que no presente trabalho é configurado como uma categoria, como um recurso de sentido ao deslocamento, a memória e a identidade são conceitos de suma importância para uma melhor apreensão da temática e também para entender as particularidades de um indivíduo diaspórico. Pois como nos afirma Candau, “A perda da memória, é, portanto, uma perda de identidade.” (CANDAU, 2014, p. 60)

Resultados

Como primeiro resultado reconhecemos que em uma das mais recentes produções musicais, Lucas d’Ogum traz em seu álbum *Do Banzo ao Orun* oito faixas musicais, todas elas encantam artisticamente com uma linguagem ancestral e em todas as músicas há um sentimento do Banzo, que na cultura Ioruba é expressado como uma saudade muito forte do lugar de origem, uma nostalgia.

“O banzo aparece na historiografia como uma tristeza que os escravizados apresentavam por terem sido retirados do seu território em África e que levava a morte”. (CEZAR, de campos, 2016, p.8). É um sentimento ligado expressivamente ao lugar de origem e ao mesmo tempo a um sentimento de não pertencimento ao lugar de destino. A força do banzo que para os estudos da migração e da diáspora remete diretamente a um sentimento provocado pela experiência do movimento no espaço. “A sensação de não pertencimento sempre me pertenceu” (Lucas D’Ogum).

Em sua música *África*, lançada em 2019, o artista nos remete ao deslocamento forçado da população provinda da África, que no presente trabalho é um sentimento expressado por um brutal arrancamento.

“Me arrancaram dos teus braços
É forte os laços, é forte os laços, nem
O tempo pode apagar, será que vou voltar,
Será que afaga? Dói!
É banzo, o que eu sinto, mãe
Mãe África, Oh Mamãe, Oh Mamãe,
Me arrancaram dos teus braços...”
(Lucas D’Ogum, África)

Em todo conjunto de sua obra, mesmo sendo tão jovem, se identifica no artista um clamor pela ancestralidade. O que nos aponta para a existência de um latente sentimento diaspórico presente na contemporaneidade. O indivíduo em diáspora reconhece que a migração de retorno para o seu lugar de origem é algo que não mais os identifica, devido ao arrancamento dos seus ancestrais de sua terra natal. Neste curso de deslocamento em

memória, há uma busca constante por uma identidade cultural nestes espaços de destino, no caso, o Brasil.

Estar em diáspora, portanto, significa questionar a busca por um passado glorioso, por tradições e costumes puros e, sobretudo, por uma identidade estável e pré-estabelecida. Tal reconfiguração do sujeito na sociedade é discutida por Stuart Hall. Na visão do intelectual em questão, as identidades se relacionam às diferentes formas de se posicionar diante do passado. Os sujeitos que buscam recuperar a pureza anterior revelando um sentimento de unidade que teria sido perdido são ligados à ideia de tradição. Por outro lado, a construção de identidades é um processo em constante movimento: as identidades culturais vêm de algum lugar, têm histórias. Mas, como tudo que é histórico, elas passam por constante transformação. (MESQUITA, silva, 2010, p. 106)

É possível perceber o processo em movimento da construção de identidade e manutenção da memória – e banzo – africana nos versos da música *Do Banzo ao Orun*, do Cantor Lucas D’Ogum.

“Na encruzilhada dessa vida eu me encontrei
Sinto falta da minha terra, coroa de rei
Sinto falta do mar, da água doce de lá
Colhendo lírio com a mais bela, bela Iabá
Na encruzilhada dessa vida eu te encontrei
Vejo na palma da sua mão, as linhas que tracei
Cê sente falta de lá, se vier vai ficar
Amor é o teto, diz Vovó Cambinda[...]

**Costurei-me de retalhos, nesse chão que é averso a meu pé
Num adversa meu axé e na falta de referência imaginamos como é.”**

(Grifo meu)

Em outra perspectiva, o poema “vozes-mulheres” de Conceição Evaristo nos traz uma abertura para o lamento de uma memória feminina do deslocamento: dos tumbeiros à fluidez da diáspora, a (re) construção dos papéis intergeracionais. Bisavó, avó, mãe, neta e filha que cumpre, esta última, o desejo de uma liberdade geracional em movimento. Em ambos, tanto em Lucas D’Ogum, quanto em Conceição Evaristo a diáspora provoca a concepção genuína que a liberdade é sobretudo espacial, portanto, política.

Se até aqui apontamos que o deslocamento forçado da população provinda da África Ocidental para o Brasil ao longo do tempo ela se movimenta como uma memória em diáspora presente no campo da cultura brasileira, o mesmo não podemos apontar para a geografia brasileira. Apesar como apontamos no início do conhecimento geográfico possuir um rol de disciplinas no qual a circulação de bens e pessoas é constitutiva de uma área de pesquisa, ausenta-se uma abordagem em relação à diáspora negra. Por outro lado, se nos conteúdos programáticos disciplinares seja permissiva tal lacuna, argumentamos que o deslocamento forçado, diáspora, banzo, ancestralidade, África, memória, identidade cultural são estritamente dependentes e articulados a uma dimensão espacial. Cabe assim, reconhecer que a geografia também, junto a outras áreas disciplinares e com a cultura, assumir e transformar todas essas variáveis acima elencadas em conteúdo espacial e conferir legitimidade epistemológica e de método nos estudos da diáspora africana.

Como segundo resultado, entendemos que no Rio de Janeiro a diáspora está em movimento através da existência de grupos culturais. A diáspora é um conceito que permite um atravessamento do tempo e apresenta narrativas contemporâneas onde existe um uso do sentimento diaspórico e é possível visualizar essa representação do sentimento através de

grupos de poesias, saraus, música, movimentos artísticos em geral que nos permite compreender como é a dada essa dinâmica de manutenção e produção cultural plural.

E como terceiro resultado, apontamos a uma manutenção da memória da África e como podemos encontrar a diáspora em movimento no contexto contemporâneo. Há uma passagem em *Memória e identidade* que nos auxilia a compreender esta relação:

Quando um indivíduo constrói sua história, ele se engaja em uma tarefa arriscada consistindo em percorrer de novo aquilo que acredita ser totalidade de seu passado para dele se reapropriar e ao mesmo tempo, recompô-lo em uma rapsódia sempre original. O trabalho da memória é, então, uma maiêutica da identidade renovada a cada vez que se narra algo. (CANDAU,2014, p. 76).

A partir da reflexão acima, e junto às análises feitas, entendemos que por meio da manutenção da memória da África, o indivíduo fruto da diáspora mobiliza ações de resistência existencial e não mobilização para transformação. A partir do momento em que há um auto de reconhecimento do indivíduo em que ele percebe e passa (re) conhecer suas origens através de um tecido de uma memória coletiva, há um sentimento de resistência enquanto negro diaspórico de permanecer no seu lugar e não um sentimento de mobilização para realizar transformações, ou até mesmo o sentimento de retorno à África. Afirmando aqui que a memória africana se mantém para o pertencimento do afro-brasileiro em seu território, que neste contexto é o Brasil, e para alimentar a identidade através de ações culturais. Como a arte, poesia, música, capoeira e manifestações religiosas.

Referências bibliográficas

CAMPOS, D. M.C. **Outras Carolinas: banzo e lamento na autobiografia de Zeli Barbosa**. Revista Comunicação Cultura e Sociedade. n. 05, ed-dez 2015 – dez 2016, ano 2015- 2016

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Tradução Maria Leticia Ferreira. – 1 Ed. – São Paulo: Contexto, 2014

CARLOS, C. A. S. L. **Um olhar crítico à zona portuária do Rio de Janeiro**. Disponível em: <<https://portomaravilhaparaquem.wordpress.com/2012/05/06/uma-olhar-critico-a-zona-portuaria-do-rio-de-janeiro/>>. Acesso em: 04 de junho de 2019.

CARVALHO, Delgado de, 1884-1980. **Geographia do Brasil – Descrições e Viagens** 4.ed. completa – Rio de Janeiro: F.Alves, 1929. 481.p:il;

CARVALHO, Delgado de; CASTRO, Therezinha de. **África: geografia social, econômica e política**. Conselho Nacional de Geografia, Divisão Cultural, 1963.

FLORENTINO, M. **Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro: séculos XVIII e XIX**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

FREIREYSS, G. W. **Viagem ao Interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. São Paulo: Ed. 34. 2017.

LIMA, T. A.; SENE, G. M. **Em busca do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX**. Anais do Museu Paulista. v.24, n.1, São Paulo Jan./Apr. 2016

MACHADO, L. **Sítio Cemitério dos Pretos Novos: análise biocultural. Interpretando os ossos e os dentes humanos.** Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), n° 12, 2006.

PEREIRA, J. **As duas evidências: as implicações acerca da redescoberta do cemitério dos Pretos Novos.** Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. N.8, 2014, p.331-343.

PICCOLI, V. et al. (Curadores). **Rosana Paulino: a costura da memória.** São Paulo: Pinacoteca de São Paulo. 2019.

SILVA, L. M. **Diáspora e Identidade Cultural na literatura de Grace Nichols.** Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 105-112, jan. /jun.2010.

SILVA, M.S. **O Banzo, Um Conceito Existencial: Um Afroperspectivismo Filosófico do Existir – Negro.** Revista de Filosofia. V.17, n.1junho/2018